

## Da morte, Do suicídio ...

Jô Benetton

**Da morte.** Estudos Brasileiros. Coord. Roosevelt M. Cassorla, Ed. Papirus, Campinas, 1991, 241 p.

**Do suicídio.** Estudos Brasileiros. Coord. Roosevelt M. Cassorla, Ed. Papirus, Campinas, 1991, 241 p.

Que coragem! *Roosevelt Cassorla* coordena estas duas obras muito bem justificadas por ele mesmo: "Desejaria que este livro sobre a morte nos ajudasse a repensar a vida..." (*Da morte*, pág. 23).

Acertei este convite e logo encontro *Rubem Alves* que me diz: "Há uma morte que vem de fora e uma morte que cresce por dentro" "A morte do suicida é diferente, pois ela não é coisa que venha de fora, mas gesto que nasce de dentro" (*Do suicídio*, págs. 11 e 12).

Estas duas obras caracterizam-se como coletâneas de pesquisas sobre os dois temas. Do lado dos pesquisados, são absolutamente impactantes seus depoimentos. Todos nós vivenciamos sentimentos semelhantes aos dos entrevistados. Entretanto,

acredito que, como diz Cassorla, usamos facilmente os mecanismos de negação para afastá-los.

Das pesquisas e seus coordenadores pode-se dizer antes de mais nada que são os vértices abordados sobre os temas. Tomo alguns exemplos para ilustrar esta resenha:

*Terezinha E. Klafte* conta-nos que 80% dos médicos cancerologistas tem sentimentos que classificou de negativos: impotência, pena, tristeza etc. Os outros 20% restantes têm alegria, felicidade, carinho. *Célia M. T. Telis* corajosamente aborda a morte falada e ouvida de maneiras diversas: por um lado daquele que sabe que vai morrer, do outro o do fatídico. Do mundo que luta contra a doença e da passividade do que vai morrer. O canto poético é a tônica do trabalho de *Ana M. S. Barbosa*, quando fala do desespero impotente suspenso no ar, das mulheres mastectomizadas. *Elizabeth R. Martin do Vale* não deixa por menos e nos brinda com o estudo da dor dos pais de crianças com câncer. Frei *Hugo D. Baggio* relata sua experiência com a morte e *David Abouzel Neto* pesquisa nos índios carajás os mitos relativos à morte e ao suicídio. Os bilhetes dos suicidas são estudados por *Maria Luiza*

*Dias*. A violência deste nosso país e de mortes violentas são apresentadas por *Mariliza B. A. Barros*. Haim Grünsbaum, como era de se esperar, avalia de forma bela e precisa o risco do suicídio na adolescência. Para a proflaxia do suicídio, *Valy Giordano* busca recursos na educação.

Esses e os demais trabalhos apresentados tornam-se complementares, uma vez que são baseados alguns em estudos teóricos, outros em pesquisa e, ainda, na clínica.

Alguns resultados foram me surpreendendo, outros deixaram um traçado firme para posterior aprofundamento. A maior parte dos trabalhos é abordada pelo ângulo da psicanálise kleiniana. Se, por um lado, isto nos permite um aprofundamento em tal aparte teórico, por outro, não deixa em aberto a possibilidade de comparação ou, melhor ainda, de entendimento também de outros rumos a serem tomados no estudo dos temas.

Não penso, entretanto, no caso de empobrecimento, ao contrário, acredito que as obras deveriam ter continuidade e abranger os temas nos múltiplos ângulos possíveis. Por fim, não posso deixar de anotar que os dois livros foram felizmente abertos por Rubem Alves, um bom contador de histórias infantis, capaz de criar entre a vida e a morte o espaço do brincar.